

A INSTAURAÇÃO DA POLÊMICA EM PERSONAGENS BÍBLICOS, DE ALEXANDER WHITE

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-27>

Rony Petterson Gomes do Vale
 Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Departamento de
 Letras, Minas Gerais - Brasil
 ronyvale@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0123-9828>

Por mais magníficos que tenham sido os trabalhos de homens tais como Herschel, Faraday, Lyell, Darwin e Spencer, ao mesmo tempo eles atuaram muito mais sobre as regiões da maneira e do movimento do que na mente e no coração do homem.
 (White, 2021a, p. 19)

Livros científicos *versus* livros sagrados. Assim tem início *Personagens Bíblicos (PB)*¹ (ingl. *Bible Characters*), de Alexander White. Mais especificamente, a partir dessa querela, enreda-se a primeira “biografia” da obra, na qual é proposta a tese de Cristo como o novo Adão: “Pois estes dois homens, Adão e Cristo, com seu pecado e sua justiça, que tomam e superam nossos evolucionistas” (White, 2021a, p. 26). À primeira vista, a “biografia” de Adão se apresenta como um texto cuja discussão gira em torno do conhecimento, ou melhor dizendo, sobre a diferença entre o conhecimento científico e o conhecimento teológico. O texto, à medida que avança, aborda a questão da representatividade tanto da *queda* do homem, perpetuada pelo pecado de Adão, quanto da *salvação* do homem, realizada em/por Cristo. O texto se encerra com uma análise das cartas de São Paulo, nas quais Cristo é colocado como aquele que redime o povo de Deus: surge o novo Adão. Em resumo, não há tratamento da figura de Adão como se espera: as informações de suas relações familiares² são pressupostas, mas nada é dito sobre Eva³, Caim ou Abel. Porém, o autor adverte, na “biografia” de Adão, que:

Conforme falamos deste ou daquele cientista, deste ou daquele livro, ou filosofia, as pessoas iletradas que nos ouvem sentem a tentação de nos invejar, por nosso tempo, nossos talentos e nossos livros. Mas elas não deveriam; e se soubessem, não sentiriam tal coisa. Pois, contato que tenham Moisés e Paulo, o livro do Gênesis

1 Essa obra, publicada em 2021, pela Editora Penkel, se apresenta em dois volumes: o primeiro dedicado às “biografias” das personagens do Antigo Testamento e o volume segundo, às “biografias” das personagens do Novo Testamento.

2 No verbete “Adão” de seu *Dicionário Filosófico*, Voltaire (2008, p. 23) afirma que os “rabinos leram os livros de Adão; sabem o nome de seu preceptor e de sua segunda esposa.”

3 É interessante ressaltar que, nas “biografias”, de A. White, nada é dito sobre Lilith, suposta primeira (ou segunda?) esposa de Adão. Mas Lilith, personagem, vive no imaginário ocidental, tanto que Saramago, aproveitando-se desse mesmo imaginário, a coloca não somente como amante de Caim, mas também como a personificação/origem de todas as mulheres, num papel normalmente aferido a Eva: “*Eu sou todas as mulheres, todos os nomes delas são meus*, disse Lilith [a Caim], e agora vem dar-me notícias de teu corpo” (Saramago, 2017b, p. 126 - grifos nossos).



e a Epístola aos romanos, não terão o que invejar em qualquer homem. (White, 2021a, p. 25-26)

Aqui é importante salientar a estranheza que nos causa haver em uma “biografia” movimentos em defesa de uma tese, bem como a presença de posicionamentos contrários — talvez isso se aplicasse melhor a uma hagiografia —; todavia, embora pareça uma peça jurídica, não há tentativa de inocentar Adão, mas simplesmente evidenciar o caráter salvador de Cristo. Deveras estranho, mas, como diria Voltaire ironicamente: “todas as dúvidas e objeções [...] desaparecem desde que se considere a infinita diferença que deve haver entre os livros divinamente inspirados e os livros dos homens” (Voltaire, 2088, p. 175).

De fato, gerar *polêmica*, do ponto de vista discursivo, é estabelecer “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017, p. 49). Desse modo, a polêmica tem potencial de ser encarada como uma *estratégia, atitude discursiva*, que “pode intervir em níveis muito diferentes do discurso, tanto no de suas condições de possibilidade quanto no de suas marcas de superfície” (Maingueneau, 2004a, p. 379) e que também pode circunscrever:

[...] os casos em que o locutor implica o interlocutor em sua enunciação, utilizando argumentos que o colocam em questão, não apenas como pessoa (*argumentum ad persona*), mas como sujeito que defende uma posição, apega-se a ela e é, portanto, responsável por aquilo que é contestado pelo locutor. (Maingueneau, 2004a, p. 380)

Como veremos mais adiante, mesmo no discurso religioso, a *polêmica* parece ser uma estratégia discursiva bastante recorrente. No caso específico de *PB*, embora publicada originalmente no final do século XIX (entre 1886 e 1902), ela recebeu, em 2021, uma tradução para o português e distribuição no Brasil pela Editora Penkall (Livraria Família Cristã). E, como afirmam os seus editores, essa obra pode apresentar posicionamentos um tanto antiquados sobre temas sensíveis para leitores do século XXI. Se assim o for, e, sabendo que a *polêmica* está ligada a debates sobre certos assuntos na atualidade de uma dada sociedade e cultura, então *PB* tem o potencial de carregar posicionamentos divergentes em três sincronias, a saber: i) na sincronia das personagens, submetidas a normas e valores próprios da época dos acontecimentos bíblicos; ii) na sincronia de Alexander White, marcada pelo protestantismo ainda militante no final do século XIX, mas que, ao mesmo tempo, apresenta uma busca pelo ecumenismo (cf. Shelley, 2018); e iii) na sincronia brasileira atual, que possui valores e normas socioculturais relativamente diferentes das da época bíblica e do século XIX.

ELEMENTOS GERADORES DE POLÊMICA EM PERSONAGENS BÍBLICOS

Nascido em Edimburgo, Escócia, Alexander White (1836-1921) cresceu no seio da *Igreja Livre*. Seus primeiros estudos, no entanto, acontecem em Alberdem, no King’s

College, por conta da ida de sua mãe para os Estados Unidos. Retornando à Escócia, White se forma em Teologia no New College de Edimburgo, torna-se ministro de congregação e, por fim, assume a vaga de professor de Literatura do Novo Testamento do New College. Pregador marcado por um calvinismo fervoroso, tinha um estilo “direto, claro e profundo”, mesmo abordando a severidade de Deus ou a necessidade da superação do pecado em Cristo (Kibbuka, 2021a). Além disso, buscava a união dos cristãos, dando exemplos de ecumenismo na seleção tanto das suas amizades (inclusive católicos) e quanto das leituras para suas aulas e pregações:

White tinha um profundo amor pelo conhecimento e pela beleza, tinha crença na imaginação e insistia na total liberdade no estudo teológico, qualidades notáveis que o ajudavam na sua trajetória. A lista de assunto e autores tratados em suas aulas é vasta: Leis, Agostinho, Dante, John Bunyan, Mística, Espiritualidade, Butter, Newman e escritores clássicos como Cícero e Sêneca eram citados, e a catolicidade de seu interesse literário e simpatia espiritual foi acompanhada por uma generosidade ímpar. (Kibbuka, 2021a, p. 11)

Essa inter-relação entre *eruditismo*, *ecumenismo*, *protestantismo* e *uso da imaginação* se percebe na produção de *PB*. Fruto, ao mesmo tempo, da exegese e da hermenêutica bíblicas, essa obra se apresenta em dois volumes referentes ao Antigo Testamento e ao Novo Testamento, com 128 “biografias”⁴, nas quais, a princípio, são (ou deveriam ser) expostas a vida e as ações das personagens da Bíblia, em ordem cronológicas (p. ex.: Adão, Eva, Caim...), sendo delas extraídas, conforme afirma os seus editores: “reflexões importantes sobre seus atos de fé e devoção, ou mesmo de pecado e transgressão”.

Nesse contexto de escritura, três questões se mostraram relevantes para compreender o uso da *polêmica* em *PB*, a saber: i) quais as implicações do uso da imaginação na (re) construção das narrativas sobre as personagens da Bíblia?; ii) como (i) afeta na organização discursiva das “biografias” em *PB*?; e iii) como as reflexões advindas da análise da vida e das ações das personagens bíblicas impulsionam juízos de valor sobre as mesmas? Observemos mais de perto cada uma dessas questões.

O USO DA IMAGINAÇÃO EM *PB*

Para exemplificar o uso da imaginação em *PB*, tomemos um fragmento da “biografia” de Caim:

Abel poderia ter escapado desse final e poderia ter salvo seu irmão, se ele não fosse tão fácil, inocente e desavisado. Se notasse ao menos a mudança no comportamento de seu irmão, teria visto haver algo de errado naquela manhã, pois Caim não fechara os olhos durante toda a última noite. Não conseguiu dormir. Esteve acordado e perambulando como um fantasma, seu rosto estava horrível e seus olhos estavam com olheiras profundas. A desconfiança de Abel pulsou em seu peito como se Caim já fosse um estranho. [...] Caim também não falava de sua forma usual naquela manhã. Ele gaguejava em meio às frases e tocava em

⁴ Sendo 69 “biografias” de personagens do Antigo Testamento e 59 do Novo. Há ainda comentários sobre personagens presentes nas parábolas.

assuntos os quais nunca havia tocado antes, se Abel se lembrava bem. Se não fosse por aquela perfeita inocência, cegueira e surdez, Abel teria encontrado uma oportunidade e voltaria para casa naquela manhã fatal. E ele ainda perguntou ao seu irmão o que ele tinha contra si naquele dia. (White, 2021a, p. 46-47)

A “biografia” de Caim se baseia principalmente no capítulo 4 (1-16) do *Gênesis*. Todavia, uma leitura rápida desse capítulo da Bíblia nos mostra que não há nenhuma referência ao que se passou na noite anterior ao assassinio de Abel; somente há uma advertência de Deus a Caim (*Gênesis*, 4, 7): “Se fizeres o bem, porventura tua oblação não será agradável? Mas se fizeres o mal, o pecado estará à tua porta, espreitando-te, mas tu deverás dominá-lo”. E, no dia seguinte: “Caim disse então a Abel, seu irmão: ‘Vamos ao campo’. Logo que chegaram ao campo, Caim atirou-se sobre seu irmão e matou-o” (*Gênesis*, 4, 8). A isso se resume a descrição do assassinio de Abel no texto bíblico. Porém, como vimos em *PB*, de A. White, a imaginação preenche lacunas, torna vívido o acontecido, cria conjecturas, espalha suspeitas sobre tudo o que foi feito e dito, num exercício tipicamente *retórico* para mostrar uma certa causa na ação que leva ao assassinato de Abel:

Baseados na pessoa dos adversários, granjaremos a benevolência se levarmos os ouvintes ao ódio, à indignação e ao desprezo. Ao ódio havemos de arrebatá-los se alegarmos que eles agiram com baixaza, insolência, perfídia, crueldade, impudência, malícia e depravação. À indignação os moveremos se falarmos da violência dos adversários, da tirania, das facções, da riqueza, intemperança, notoriedade, clientela, laços de hospitalidade, confraria, parentesco, e revelarmos que se fiam mais nesses recursos do que na verdade. Ao desprezo os conduzimos se expusermos a inércia dos adversários, sua covardia, ociosidade e luxúria. (Pseudo-Cícero, 2005, p. 61)

Ao lermos a narrativa de White sobre a noite de Caim, facilmente chegamos à conclusão de que o assassinato de Abel foi planejado, o que, em termos jurídicos, leva o homicídio para outro status e, em termos religiosos, a uma condenação maior do pecado. Desse modo, podemos afirmar que a imaginação instaura, na “biografia” de Caim, a premeditação do homicídio, o que não se evidencia no *Gênesis* (4, 1-16).

Nesse passo, é importante lembrar que, em se tratando de Discurso Religioso, o *archéion*⁵, os textos fundadores, são os garantidores dos “dogmas”. Com efeito, embora não seja possível haver uma discussão sobre o fato bíblico (ou seja, o crime de Caim), as lacunas da narrativa referentes ao fato podem, de certo modo, ser preenchidas; no entanto, ao instaurar a premeditação, White, de certo ponto de vista, assume um posicionamento relativista no qual a culpa do assassino (que, de alguma forma, deveria ter sido salvo do pecado) parece se transferir para a vítima.

A ORGANIZAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DAS “BIOGRAFIAS” EM *PB*

5 Entendemos por *archéion* (gr. “arquivo”) a reunião de “enunciados advindos de um mesmo posicionamento, enfatizando [...] que esses enunciados são inseparáveis de uma *memória* e de *instituições* que lhe conferem sua *autoridade*, legitimando-se por meio delas” (Maingueneau, 2004b, p. 65 - grifos do autor).

Como vimos, as “biografias” em *PB*, de certo modo, mantêm uma relação muito próxima com o *archéion* bíblico; todavia, elas se lançam na aventura do preenchimento das lacunas do texto fundador. Vimos também que essa estratégia acaba por dar novas características ao texto das narrativas, colocando em xeque o status genérico de “biografia”. Assim, se tomarmos *biografia* como uma “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem [...] em ordem cronológica ou não”, pautada ora em *critérios de verdade* (para pessoas reais), ora em *critérios de verossimilhança* (para personagens) (Costa, 2004, p. 45-46; 51), as narrativas em *PB* apresentam dificuldades para o estabelecimento dessa *genericidade*, pois (a) cria-se um espaço de intersecção entre os critérios de verdade e de verossimilhança para enquadrar essas personagens (todas elas existiram? Ou algumas são frutos de imaginação?) e (b) elaboram-se certas reflexões oriundas da análise das ações e falas dessas personagens, o que traz a crítica para o bojo do gênero.

Se as personagens bíblicas existiram (ou não) não é um problema de uma exegese crítica (quem sabe da História ou da Arqueologia). A questão aqui é a discussão sobre a (re)organização da narrativa e o seu propósito: por que motivo *recontar* a história de Caim e Abel? A nosso ver, uma resposta possível seria: num quadro de questionamento, o sujeito falante/escritor deseja lançar uma proposta (de verdade) sobre o acontecido, sem, com isso, atacar o dogma religioso. No entanto, a biografia assumiria, por exemplo, característica de uma *pseudo peça judicativa*, como no caso de Caim. Logo, abrir-se-ia o texto para a possibilidade de acusação/defesa de uma personagem, cujos detalhes, não havendo na *Bíblia*, tornam-se ou objeto de um trabalho de historiador ou fruto da ficcionalização/fabulação.

Além disso, corrobora a ideia de uma *transformação* (hipótese forte) ou *hibridização* (hipótese fraca) do gênero *biografia*, em *PB*, a presença de marcas de subjetivismo deixadas pelo autor, como, por exemplo, (i) o uso da primeira pessoa pelo narrador (“Estou feliz em ver que a Versão Revisada se inclina para o místico e interpretação evangélica de ‘gravidez’ de Paulo.”) (White, 2021a, p. 41); ou mesmo (ii) a referência a elementos da situação de comunicação de produção do texto (“Eu desafio o coração mais maligno nesta casa esta noite a superar Caim.”) (White, 2021a, p. 45).

JUÍZOS DE VALOR E POSICIONAMENTOS POLÊMICOS EM *PB*

No imaginário cristão (principalmente católico) e no senso comum, o nome de Maria Madalena está associado à pecadora liberta da prostituição graças a Jesus. Mais especificamente, esse imaginário tem sua origem nos sermões do Papa Gregório, o Grande, na sua assunção oficial, ao declarar que a pecadora em Lucas (7,36), Lucas (8, 22) e Maria Betânia (irmã de Lázaro) eram a mesma pessoa⁶. Todavia, em *PB*, temos uma construção da “biografia” de Maria Madalena que trilha por caminhos um pouco diferentes:

6 Cf. BBC. Mary Magdalene: the clichés. 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150225022237/http://www.bbc.co.uk/religion/religions/christianity/history/marymagdalene.shtml> Acesso em: 23 abr. 2023.

Todos os Seus discípulos O haviam negado e fugiram. E é por isso que não restaram testemunhas oculares para nos contar sobre como Maria Madalena ficou próxima da Cruz chorando, e sobre como ela lavou Seus pés com suas lágrimas e secou-os como os seus cabelos. (White, 2021b, p. 99)

Com um artifício que nos lembra até Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, White nos revela que ninguém presenciou (logo, não há quem possa contar) o que ele, White, está prestes a fabular, abrindo assim o caminho para descrever ações de Magdalena que não existem no *archéion*⁷:

E então, quando Ele disse, “tenho sede”, ela tomou a esponja das mãos do soldado e colocou-a em Seus lábios. Quando Ele acenou com a cabeça, ela O viu, e ouviu quando Ele disse “está terminado!” Aquele não era um lugar para uma mulher. Mas Maria Madalena não era uma mulher, e sim um anjo. Ela fora o anjo que O fortalecera. Ela fora toda a Igreja de Deus e a noiva resgatada de Cristo naquele momento em si mesma; ela e seu irmão gêmeo, o ladrão da Cruz. (White, 2021b, p. 99).

Emitir juízos é *jogar* com emoções, já que “os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia ou júbilo, amizade ou hostilidade” (Aristóteles, 2021, p. 46). Assim, podemos dizer que julgar é assumir um ponto de vista em relação a dado objeto; é, de certo modo, posicionar-se, e, por conseguinte, considerar o outro: que ele é movido também por emoções e que ele tem este ou aquele posicionamento que não necessariamente é igual ao nosso, podendo (ou devendo, conforme o caso) ser modificado ou reforçado. Em *PB*, como acabamos de ver, a presença de juízos de valor evidencia também uma mudança na organização discursiva e no gênero, o que implica supor que o discurso em *PB* segue uma linha menos hermenêutica (somente um sentido, exclusivo e correto, para o texto) do que exegética (uma entre várias possibilidades de leitura e interpretação do sentido do texto). Com efeito, isso não coibiria outras leituras que, embora vivam no imaginário cristão, também não tem base no *archéion* ou na História:

De certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas as que aqui vieram ajuntar-se [no cenário da crucificação de Jesus] usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras, ora, qualquer observador, se conhecedor dos factos elementares da vida, jurará, à primeira vista, que a mencionada Madalena é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto, e um corpete de tal maneira que lhe faz subir e altear a redondez dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo. É, porém, de compungida tristeza a expressão do seu rosto, e o abandono do corpo não

⁷ De acordo com o *Dicionário Bíblico*, “Maria Madalena acompanhou Jesus em sua última viagem a Jerusalém junto com Maria, mãe de Tiago Menor, Salomé e muitos outros (Mc 15 40ss). De longe viu o sepultamento de Jesus e, terminado o sábado, lá voltou com aromas para o embalsamento (Mc 16,1). “Estava escuro”, diz Jo 20,1. Foi, portanto, a primeira a perceber o desaparecimento do corpo e foi a ela que Jesus primeiro apareceu (Jo 20, 11-17), dando-lhe a ordem de ir dizer a seus irmãos: ‘Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus’. *Depois disso Maria Madalena desaparece da história evangélica*” (Vincent, 1969, p. 340 - grifos nossos).

exprime senão a dor de uma alma, é certo que escondida por carnes tentadoras; mas que é nosso dever ter em conta, falamos da alma; claro está, esta mulher poderia até estar inteiramente nua, se em tal preparo tivessem escolhido representá-la, que ainda assim haveríamos de demonstrar-lhe respeito e homenagem. (Saramago, 2017a, p.12-13)

É de suma importância ressaltar, entretanto, o seguinte: diferentemente de Saramago, White tem um compromisso edificante com a sua religião; suas palavras carregam autoridade religiosa que impacta sobre a recepção do seu discurso; logo, suas reconstruções ficcionais podem ser assumidas como verdades (a questão hermenêutica) e, por conseguinte, seus discursos podem se tornar argumentos de autoridade na defesa de ideias e ideais talvez distantes da proposta pretendida. Soma-se a isso a recepção da tradução de sua obra em outro contexto sócio-histórico-cultural (o brasileiro), no qual o discurso político e o discurso religioso estabeleceram uma relação interdiscursiva incestuosa do ponto de vista democrático, gerando um espaço para a constituição de discursos de ódio, como, por exemplo, o discurso de intolerância religiosa.

∴

Com base no exposto anteriormente, pode-se dizer que a instauração da *polêmica* em *PB*, de certo modo, proporciona a White problematizar, sem atacar o dogma, questões delicadas ligadas à moral cristã, mesmo diante de um auditório particular (cf. Perelman e Olbrethc-Tyteca, 2005), que não colocariam em xeque o *archéion* bíblico. Com efeito, mesmo sendo escrita no final do século XIX, na Escócia, *PB* traz em seu bojo muitos temas que são compartilhados também pela sociedade brasileira do século XXI (uma vez que muitos são quase universais): o fratricídio, a violência contra a mulher (verbal, física, psicológica), a prostituição, a traição, a homossexualidade etc.

Desse modo, como o próprio White (2021a, p. 21) coloca, se “duas ou três palavras” de Moisés ou Paulo “superam tudo aquilo que fascina e absorve nossos homens modernos e da ciência”, então, podemos dizer que, ao dissertar sobre essas personagens, seus atos e seus dizeres, White também recobre o seu discurso de autoridade. Segue-se que esse discurso pode ser utilizado para dar base à elaboração de posicionamentos (polêmicos!) dentro do complexo interdiscurso que se instaurou na sociedade brasileira do século XXI, com a ascensão da extrema-direita a cargos da administração do Estado e o crescimento das igrejas protestantes nos últimos 50 anos, principalmente as pentecostais e neopentecostais (cf. Gaarder; Hellern; Notaker, 2005).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**, São Paulo: Contexto, 2017.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 1 ed. 3 reimp., São Paulo: Edipro, 2021.
- BÍBLIA SAGRADA. 62 ed., São Paulo: Editora Ave Maria, 1988.
- GAARDER, J., HELLERN, V. e NOTAKER, H. **O livro das religiões**. 8 reimpr., São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- KIBUUKA, B. Alexander White: uma vida dedicada ao estudo da Bíblia, à pregação do evangelho e à educação. In: WHITE, A. **Personagens bíblicos: antigo testamento**. vol. 1, Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021a, p. 8-13.
- MAINGUENEAU, D. Polêmica. In: CHARAUDEU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**, São Paulo: Contexto, 2004a, p. 397-381.
- MAINGUENEAU, D. Arquivo. In: CHARAUDEU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**, São Paulo: Contexto, 2004b, p. 65.
- PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PSEUDO-CÍCERO. **Retórica a Herênio**, São Paulo: Hedra, 2005.
- SARAMAGO, J. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. 2 ed. 4 reimpr., São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.
- SARAMAGO, J. **Caim**. 2 ed. 3 reimpr., São Paulo: Companhia das Letras, 2017bd.
- SHELLEY, B. L. **História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- VINCENT, A. **Dicionário bíblico**, São Paulo: Edições Paulinas, 1969.
- VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**, São Paulo: Editora Escala, 2008.
- WHITE, A. **Personagens bíblicos: antigo testamento**. vol. 1, Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021a.
- WHITE, A. **Personagens bíblicos: novo testamento**. Vol. 2, Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021b.